

A base da pirâmide da acção social

A Associação Social Recreativa Cultural e Bem Fazer Vai Avante, nasceu no Lugar das Bocas, a 24/03/1945, pela iniciativa de um grupo de amigos residentes, sendo reconhecida legalmente em 1962. A Sede da Instituição, situada na Freguesia de S. Pedro da Cova, foi construída com trabalho voluntário de muitos associados, funcionando ainda hoje no mesmo local. A grande mudança que marcou a história da Associação, foi a diversificação das actividades promovidas, com a passagem da sua função marcadamente desportiva e recreativa, para uma função Social, Cultural e de Formação.

Actualmente, a Associação, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social e tem também o estatuto de Instituição de Utilidade Pública, tendo como âmbito principal de acção, a União de freguesias de Fânzeres e S. Pedro da Cova, abrangendo também todo o Concelho de Gondomar.

A Associação dispõe neste momento de vários equipamentos sociais, com várias valências, nomeadamente, Creche, Jardim de Infância, ATL, Centro Comunitário, Centro de Convívio e Serviço de Apoio Domiciliário e ainda uma intervenção no eixo dos comportamentos aditivos e das dependências.

Dependências visitou esta instituição emblemática da freguesia de São Pedro da Cova, no concelho de Gondomar e entrevistou o presidente, Fernando Duarte.



FERNANDO DUARTE

“O consumo do álcool baixou bastante”

O que é e quais os objectivos da Associação Vai Avante?

Fernando Duarte (FD) – A Associação Vai Avante leva já 54 anos de existência em termos legais, sendo que a sua raiz é até anterior, remontando a 1945. A instituição surgiu no âmbito das cruzadas do bem-fazer, dedicando a sua actividade às pessoas carenciadas. Como é sabido, esta era uma terra mineira, afectada por muitas carências e, na altura, um grupo da população local ligado à Igreja começou por organizar cortejos, excursões e provas desportivas com o intuito de angariar fundos que visavam auxiliar os carenciados. Os objectivos foram, desde sempre, o bem-fazer, a solidariedade social.

Hoje, a instituição assume valências bem mais diferenciadas...

FD – Sim, nos últimos 26 anos, começaram a ser criadas várias valências, nomeadamente o centro de dia para idosos e o ATL. Tendo continuado a trabalhar em prol dos sócios e da comunidade, começámos a celebrar protocolos com a Segurança Social nestas valências e foi-se instalando um certo dinamismo, tendo surgido na altura um significativo movimento de jovens que deu origem a projectos inovadores na área social. Mais tarde, fomos construindo novas instalações e, hoje, temos essas valências alargadas à área da infância, com creche e berçário e outras como a lavandaria social, o centro comunitário ou o serviço de apoio domiciliário. Paralelamente, mantivemos actividades que são históricas no seio da Associação, como a pesca, a dança e outras práticas recreativas.

Paralelamente, também têm uma valência no domínio das dependências...

FD – A instituição empenhou-se muito fortemente no movimento associativo e criámos algumas estruturas no Grande Porto, como a Federação de Associações Juvenis, onde lançámos vários programas inovadores destinados à juventude. Isto também nos permitiu trazer muitos jovens para a instituição e, por isso, também somos hoje, além de IPSS, uma associação juvenil. E se há 26 anos tínhamos apenas um funcionário, hoje temos 90... Muitos dos jovens que ingressaram em programas de ocupação de tempos livres na Associação Vai Avante são hoje técnicos da instituição. Trabalhamos muito com iniciativas no âmbito da prevenção da toxicod dependência, temos alguns jovens ex-toxicod dependentes a trabalhar connosco, que são excelentes técnicos e profissionais e isso orgulha-nos muito. A camada infantil da população foi desde sempre um mote das sucessivas direcções da instituição. Muitos tinham pais afectados pela toxicod dependência e isso motivou-nos a fazermos uma intervenção particular com essas crianças. Hoje, orgulha-nos o trabalho que temos vindo a realizar no âmbito da toxicod dependência e na motivação dos jovens para a participação na vida desta e de outras associações.

Com tantos projectos e intervenção social, como vive a Associação?

FD – A Associação desenvolve inúmeras iniciativas com recurso a um grande voluntariado de que dispõe. Posso assegurar que, se não fosse esse trabalho voluntário não nos seria possível realizar metade do que fazemos. Em termos financeiros, vivemos com grandes dificuldades. As IPSS não têm sido devidamente compensadas face ao trabalho que realizam, sendo que o quadro legal que nos é imposto não nos beneficia de qualquer isenção, o que não me parece justo quando estamos a falar de instituições sem

fins lucrativos cujo trabalho em prol da comunidade devia ser recompensado.

A Vai Avante é uma das mais 60 mil instituições da economia social portuguesa, que emprega mais de 6 por cento da população activa...

FD – Se falarmos no contexto particular de São Pedro da Cova, não existe qualquer empresa que empregue tanta gente como a Associação Vai Avante.

Nesse sentido, os financiamentos que recebe para intervir na área social são suficientes para resolver os problemas com que se depara?

FD – Não chegam para nada... A comparticipação que recebemos da Segurança Social é para 12 meses de actividade e nós temos que pagar 14 meses de salários e, como tal, os recursos humanos representam no nosso orçamento um peso muito significativo. Além disso, considero que a comparticipação da Segurança Social não deveria ser igual para todos os utentes mas conforme os rendimentos que estes têm. Aliás, nós somos obrigados a aplicar uma tabela aos utentes consoante os seus rendimentos, o que significa que temos que suportar o diferencial entre o que realmente custa tê-lo aqui numa valência e o valor suportado pela Segurança Social... Resta-nos andar aqui a fazer pedidos...

Apesar de todas essas dificuldades, ainda asseguram outra valência como o apoio domiciliário...

FD – O apoio domiciliário nasceu nesta instituição através de um projecto que a Segurança Social lançou na altura através de Vieira da Silva, o actual ministro da Solidariedade Social. Nós possuíamos um estudo de levantamento, uma vez que não existia apoio domiciliário na freguesia de São Pedro da Cova e começámos então a assegurá-lo. Constatou-se ser mais útil termos aqui apoio domiciliário do que um lar, até porque os nossos idosos são pessoas que, com muito esforço, construíram as suas próprias casas e têm gosto naquilo que conseguiram. E percebemos claramente que as pessoas preferiam um bom serviço de apoio em domínios como a alimentação, a higiene doméstica e pessoal e foi por aí que começámos. Partindo desse estudo que fizemos e apresentámos à Segurança Social, celebrámos um acordo para Serviço de Apoio Domiciliário, que representa hoje um trabalho de excelência: Desenvolvemos este trabalho há oito anos, com recurso a equipas muito jovens e, deste modo, não só demos uma resposta aos utentes como criámos postos de trabalho nesta área. Em suma, promovemos a saúde nas casas das pessoas com a prestação de excelentes serviços. Estamos à espera de uma resposta da Segurança Social há quatro anos que nos permita apoiar também os nossos idosos aos fins-de-semana... Como é óbvio, estas pessoas também precisam de serviços e de alimentação aos fins-de-semana...

Que principais focos identifica na freguesia de São Pedro da Cova relativamente aos comportamentos aditivos e dependências?

FD – Nós estamos a desenvolver um programa na área da toxicodependência que tem produzido bons resultados. Se recuarmos alguns anos, percebemos que a evolução foi francamente positiva e hoje já não se vêem aquelas concentrações de consumidores... O trabalho desenvolvido com as escolas tem disso exce-



lente e é bom que este programa não acabe. De qualquer forma, sinto que deviam ser afectados mais recursos, até porque os três técnicos que temos a trabalhar nesta área não são suficientes. É para mim claro que investir em projectos novos nesta área não só evita um grave problema como fica mais barato do que esperar que as consequências surjam. Mas é preciso intervir na área da prevenção mas também criar condições que nos permitam a integração no mercado de trabalho. Esta instituição trabalha com crianças e idosos mas também tem um gabinete de apoio aos desempregados e temos integrado muitas pessoas no mercado de trabalho porque trabalhamos efectivamente em rede. Mas preocupa-nos a escassez de respostas a este nível. E entendo que as autarquias devem promover uma política que atraia novas empresas e indústrias, criando assim novos postos de trabalho.

Como vê o fenómeno do consumo excessivo de álcool na freguesia?

FD – Diminuiu muito! Também nesse domínio temos tido bons projectos, nomeadamente na prevenção, com informação e sensibilização adequadas e com a integração dos jovens em actividades culturais, recreativas e desportivas. Resido em São Pedro da Cova há 36 anos e tenho constatado que o abuso de álcool tem diminuído muito. E posso mesmo recorrer ao exemplo da Associação, que tem um bar social onde a venda de álcool diminuiu cerca de 60 por cento ao longo dos últimos anos.